

IM BOLETIM  
BOLETIM BO  
ETIM BOLET  
IM BOLETIM  
BOLETIM BO  
ETIM BOLET  
IM BOLETIM  
BOLETIM BO  
ETIM BOLET  
IM **BOLETIM**  
BOLETIM BO  
ETIM BOLET

Particularidades de "Campo Geral". Estudo sobre relações de parentesco e reprodução social numa novela de Guimarães Rosa.  
*Ana Maria Galano*

**12**

BOLETIM DE  
PESQUISA SOCIAL

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Departamento de Ciências Sociais**

*Particularidades de "Campo Geral".  
Estudo sobre relações de parentesco e reprodução  
social numa novela de Guimarães Rosa.*

**Ana Maria Galano**

**Boletim 12  
Laboratório de  
Pesquisa Social**

**Dezembro - 1992**

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Partes desiguais e algum desajuste.....	6
2. Lacunas do Pai e inteireza de Tio Terêz.....	10
3. Linda e triste; velha e virtuosa.....	16
4. Erros sem acerto (I).....	21
5. De Rosa e Mãitina a paternidade difusa.....	27
Mulheres na cozinha.....	28
Vaqueiros e seo Aristeu.....	31
6. Erros sem acerto (II).....	35
7. Riscos de real orfandade.....	42
8. Happy End.....	47
Bibliografia.....	50

Tomador de conta. A expressão é utilizada em Minas Gerais para designar uma categoria de trabalhador rural. Mas, na região do cerrado, diz-se que os tomadores de conta estão desaparecendo ou nem mesmo existem mais. Quanto às atividades que tinham no passado, a informação torna-se quase de todo imprecisa: "era família que morava ali, mas saíam para trabalhar não sei onde... Tomadores de conta lá da área, essas coisas assim. Eram áreas desertas".

A memória fraca e a insistência em falar de deserto me chamaram a atenção desde as primeiras entrevistas para uma pesquisa sobre transformações sociais e a modernização da agricultura no cerrado mineiro. As superfícies que, nos últimos vinte anos, passaram a ser cultivadas com soja, trigo, café, etc eram sistematicamente apresentadas como fronteira agrícola. Áreas até então desabitadas, ou quase, ali tudo seria começo. Os pioneiros, originários do Sul do país, teriam sabido aproveitar as novas estradas, os incentivos fiscais, as vantagens creditícias, a assistência técnica oferecidos aos que quisessem se instalar como agricultores modernos no cerrado.

O discurso da modernização capitalista da agricultura também afirma que a população local - a que por vezes concede fugidia existência - não teria o necessário "espírito aventureiro", a "coragem" ou a "mentalidade" para lançar-se no empreendimento de "conquista do cerrado".

Discutir as aptidões de uns e outros não leva muito longe. Cai-se na armadilha de uma única modalidade possível de mudanças na utilização dos solos do cerrado, a que foi adotada. E, de quebra, aceita-se um dos principais argumentos de sua legitimação: a de que ali havia um espaço social vazio até a recente vaga de modernização agrícola.

É contra a representação do cerrado mineiro como área deserta que foi conduzida a análise da novela "Campo Geral", de João Guimarães Rosa<sup>1</sup>.

Mutum, o local de onde ocorrem os episódios da novela, situa-se numa área periférica "distante de qualquer parte"<sup>2</sup>. Ainda assim não é uma superfície em que Miguilim e sua família, principais personagens, efetuassem uma "ocupação social de novos espaços" como fizeram os pequenos produtores do Centro-Oeste<sup>3</sup>. Nem devolutas nem previamente inexploradas, as terras do Mutum pertenciam a Sô Sintra, assim como o "gadame", que é "boiadinha alheia" (p.127). Sô Sintra, sempre ausente, não é sequer o primeiro

<sup>1</sup>Mirreya Suárez - Agregados, parceiros e posseiros: a transformação do campestre no Centro-Oeste, in R. Cardoso de Oliveira (org.) *Anuário Antropológico* 80, Edições UFC/Tempo Brasileiro, Fortaleza, Rio de Janeiro: 1982, p.15.

<sup>2</sup>Antônio Cândido fala da relativa facilidade de localizar os topônimos referidos em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e da necessária cautela: "Aos poucos vemos surgir um universo fictício, à medida que a realidade geográfica é recoberta pela natureza convencional" ("O homem dos avessos, in: *Tese e Antítese*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo: 1964, p.124. Em "Campo Geral" quatro pontos cardais servem de referência para situar aproximadamente o Mutum: Buritis-do-Uruçuia, terra do pai de Miguilim; Quartel-Geral-do-Abate, de sua mãe; São Romão, onde vive o tio Osmundo Cessim e Curvelo, cidade em que Miguilim ia finalmente morar. O triângulo formado por Buritis, Quartel-Geral e São Romão, está todo localizado à margem esquerda do rio São Francisco. Em *Grande Sertão: Veredas*, trata-se do lado "néfesto", de topografia "fúrida", passando a cada instante para o imaginário, em sincronia com os fatos estranhos que lá sucedem. Margem da vingança e da dor..." (Antônio Cândido, *op. cit.*, p.125). Curvelo, à margem direita do São Francisco, localiza-se no lado fêsto, para onde muda-se Miguilim com a esperança de alguma felicidade.

<sup>3</sup>Para as citações de "Campo Geral", utilizei a 14ª edição de *Manuelito e Miguilim*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1990.

proprietário do Mutum. Disso se fica sabendo através de um comentário de Nhamina, mãe de Miguilim, que diz muito apreciar uns coqueiros altos plantados pelo "primeiro dono que fez a casa" (p.95).

Se o Mutum já tivera dono anterior, Nhô Bernardo Caz, o pai de Miguilim antes trabalhara em Pau-Roxo, outro "buraco do mato" (p.16). Podem-se ler estes dados como indicações sobre a itinerância entre lugares remotos e o interesse pela apropriação privada de suas terras. No Mutum, Nhô Bernardo "trabalha ajustado em tomar conta, em parte com o vaqueiro Saliz" (p.74).

Ali, no Mutum, há roças entre matos; o gado no curral e no "pasto a fora" e o "pessoal da família cada um lidando em suas miúdas obrigações, no usozinho" (p.58). A vida rotineira num "lugar" do cerrado. Mas, os episódios, que compõem a trama da novela, correspondem a momentos em que se agravam, se distendem e, finalmente, tornam-se irremediáveis os conflitos entre membros da família de Miguilim. Só com o desaparecimento trágico de certos personagens e o doloroso afastamento de outros é que a família poderá se reestruturar.

Desde as páginas iniciais da novela, Miguilim, então com oito anos, intui que no "começo de tudo, tinha um erro"<sup>4</sup>. Os diálogos com o irmão Dito, as perguntas feitas aos demais

<sup>4</sup>Em Representações da pobreza e da riqueza em Guimarães Rosa, in: Roberto Schwarz (org.) *Os pobres na Literatura Brasileira*, Ed. Brasiliense, S. Paulo: 1983, p.170-174, Clara de Andrade Alvim estuda o desenvolvimento de "Campo Geral" a partir da perplexidade inicial de Miguilim, de seu desejo de consertar, o "erro" e como, a duras penas, ele evolui para uma "sabedoria interiorizada": "a de que a impossibilidade de aceitar contradições é limitação". Ao concluir seu estudo, a autora indaga se em "Guimarães Rosa, a questão da pobreza - o tratamento que lhe é atribuído - não corresponderia a mesma situação indicada como insuperável, mas insuperável, em certos mitos e contos populares".

personagens, os comentários deles a toda sorte de acontecimentos: são muitos os pontos de vista da narração<sup>5</sup>. Esta multiplicidade reproduz a sobreposição de funções sociais em certos membros da família de Migulim e em personagens com que não tem laços de parentesco. A cumulação, a difusão e o esvaziamento de funções sociais teriam origem em transgressões: "um erro"? Há pecados num passado recente que poderiam se repetir e, outro, muito mais antigo - o de Cain contra Abel -, que arriscaria de se reproduzir. Esta é certamente a versão de Vovó Lzidra, um dos personagens.

Nesta análise de "Campo Geral" procurei observar como certas tensões são eliminadas, ou quais as particularidades da estrutura da família de Migulim<sup>6</sup> tiveram de ser superadas, para que

<sup>5</sup>Sobre a fala e a construção da narrativa por Guimarães Rosa, ver R. Schwarz - *Grande Sertão: a fala*, in: *A seveia e o desconfiado*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1965. Em "Campo Geral" não há dimensão épica nem fluxo oral de um "monólogo insento em situação dialógica". A função narrativa é assegurada de início e várias outras vezes pelo autor. Sua presença, no entanto, é muito discreta porque não há diferenças no vocabulário nem na sintaxe entre autor-narrador e personagens. Por vezes, a narração também é assumida por Migulim, eventualmente sob a forma de monólogo interior. É Migulim, por exemplo, que consigna uma das expressões do descentendimento entre adultos de sua família: só dirigem-se diretamente a palavra em momentos de crise.

<sup>6</sup>Em *Relações de parentesco e de propriedade nos romances do ciclo da cana*, de José Lins do Rego, in: Gilberto Velho (org.) *Arte e Sociedade*, Zahar Ed., Rio de Janeiro: 1977, J.S. Leite Lopes afirma que a análise da situação particular das famílias descritas por José Lins, mesmo quando "anormais", com relação a outras famílias da mesma classe, podem fornecer elementos para o esclarecimento da regra". Em "Campo Geral" não há elementos para que se compare a situação da família de Migulim e a de outras ocupando a mesma posição social. Para identificar as particularidades na estrutura da família de Migulim, utilizei a própria trama da novela e a importância que tem a questão do erro.

pudesse permanecer "tomando conta" do Mutum, situação insuperável. O acesso à propriedade da terra sendo vedado à família de Migulim, conservar o estatuto de tomador-de-conta significa primordialmente não perder uma certa, limitada autonomia.

### 1. Partes designais e algum desajuste.

O trabalhar "ajustado em tomar conta em parte com o vaqueiro Salúz" não implica em que haja entre ele e Nhô Bernardo igual repartição de responsabilidades e posição hierárquica, nem que tenham o mesmo nível econômico. Se ambos têm atividades produtivas diretas só ao Pai incumbe "fazer ajustes": com o menino Grivo, para ser aprendiz de vaqueiro (p.134); com "enxadeiros-meios", com Luisalino: "... bom amigo(...) meeiro, mas agora ia passar os tempos morando em casa, plantar roça com o Pai" (p.88). Nhô Bernardo decide ainda sobre a venda de produtos de suas roças (p.119), do leite (p.138) e do gado (p.98); e supervisiona a ferra dos bezerros (p.54).

A composição da família de Nhô Bernardo e a do vaqueiro Salúz, assim como as casas em que moram, revelam a diferença entre o ciclo de desenvolvimento dos dois grupos domésticos e de seus respectivos níveis de vida. É pequena a família nuclear do vaqueiro Salúz: Sirlinda, sua mulher, e Buslica, o filho pequeno. Na casa de Nhô Bernardo vivem nove pessoas ligadas entre si por laços de parentesco - a Mãe, cinco filhos, Vovó Izidra, tia da Mãe; Tio Teréz, irmão do Pai - e mais três mulheres (Rosa Mãitina e Maria Preinha), que se ocupam de diversos afazeres domésticos.

A casa do vaqueiro Salúz, vista por Miguilim, é "pequena, toda de buriti". No jirau, onde dormiu com Buslica, não tinha "roupa-de-cama: só panos de saco que Sirlinda uns nos outros costurava". E foi também ela que "cozinhou canjica com leite e queijo" (p.18).

Embora muito "envelhecida", com telhas arrancadas pela chuva, a casa do Pai tem vários cômodos: o quarto do casal, onde também dormem as filhas, Drelina e Chica; o quarto com o catre de Miguilim e Ditó, e o de Tomezinho; o quarto de Vovó Izidra", o

70 pai planta milho, feijão, batata-doce, pimenta, arroz, algodão e mandioca; o vaqueiro Salúz efetua inúmeras tarefas de trato do gado.

"pior de todos", e o de Luisalino: a sala onde a família come; a cozinha e seu "acrescente", que serve de quarto para Mãitina. Há um constante movimento dos personagens no quintal, onde fica o varal de secar roupa; na horta, no chiqueiro e no curral que são próximos da casa. Do alpendre da fachada, divisa-se o pátio, que funciona como centro de sociabilidade do Mutum. É ali que, em horas de folga, se improvisam jogos (joga-se malha, com ferraduras velhas, e peteca, feita com palha-de-milho e penas de galinha). No pátio ainda, ao entardecer, reúnem-se membros da família de Nhô Bernardo, do vaqueiro Salúz, outros vaqueiros e vizinhos para conversar à luz de uma fogueira.

Pouco se sabe sobre o teor do ajuste, ou trato, entre Só Sintra, Nhô Bernardo e o vaqueiro Salúz. Encarregados de tomar conta do Mutum, e de seu "boiadeiro", eram remunerados em gado? Alguma parte do gado pertence ao Pai, tanto é que pode atribuir bezerros a seus filhos (p.67). Sabe-se ainda menos sobre a repartição do produto do trabalho dos "meios-enxadeiros" ajustados por Nhô Bernardo.

Quando de uma das visitas ao Mutum de seo Deográcias - vizinho que morava "dali a diversas léguas, na Vereda-do-Cochô" e que tinha "ofício de cobrar dinheiro, de uns para os outros" (p.43) - Nhô Bernardo não pode saldar uma dívida. Seo Deográcias "veio buscar dinheiro, para um homem da cidade. Mas Pai falou que ainda não estava em ponto de poder pagar" (p.44). Nhô Bernardo devia dinheiro a Só Sintra?

Por ocasião da ferra dos bezerros, um dos animais se fere nas pontas de arceira de uma cerca: "Como o Pai ficou furioso: até quase chorou de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo tirar para sustento de comida da família. Não tinha posse nem para retelhar a casa velha, estragada por mão desses todos ventos e chuvas, nem recurso para mandar fazer uma boa cerca de régua, era só cerca de achas e paus pontudos, perigosa para

Embora se acumulem sugestões de que o Pai é um personagem socialmente incompleto - toma conta em parte; embora incessantemente ativo, acusa-se de ineficiência; branco, trabalha como negro; tomador de conta, executa as mesmas tarefas produtivas que os meeiros, seus mais inferiores subordinados; e, finalmente, é sofredor de mal que o torna inapto para o campo - há também nele qualidades que o fazem um homem inteiro dentre os demais do Mutum e redondezas. Há em Nhô Bernardo o destemor de lapear a jibóia que se enlaça num cachorrinho (p.36) e a maldade feliz de matar animais na caça<sup>11</sup>. A Nhô Bernardo, o vizinho seo Aristeu vinha prevenir que "uma anta enorme estava trançando(...)" revistava de chapada p'ra chapada e marcar data para a "batida da anta" (p.66). Além de contar como companheiro para práticas associadas a força viril, Nhô Bernardo desfruta de reconhecimento atestado por sua relação de compadrio com seo Brizido Boi, padrinho de Tomezinho (p.107).

---

<sup>11</sup>Cf. "...por que é Pai e os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres, na hora de caçar..."? (p.59).

## 2. Lacunas do Pai e inteireza de Tio Teréz.

O personagem do Pai é no entanto construído principalmente sobre suas falhas. Quando contracenava pela primeira vez com Miguilim e a Mãe, ele aparece como um homem rancoroso que, ao exercer a autoridade paterna, funda a necessidade de punição (Miguilim se teria mostrado "mal-agradecido" e não dera demonstração de "estíma" pelo Pai), em algo que a Mãe considera um equívoco: - "Deixa de cisma, Béro, o menino está nervoso... Mas o Pai ainda ralhou mais". Quanto a Miguilim, ele percebe que "devia de ter procedido mal e desgostado o Pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordado arrependimento de perdão" (p.15).

Primeiro de uma longa série de pitos e castigos infringidos a Miguilim pelo Pai, o episódio condensa elementos que criam brechas para a ascendência do Pai sobre a família: o discernimento limitado de Nhó Bernardo, aos olhos da Mãe; a dificuldade para Miguilim de agir segundo normas de comportamento que não lhe parecem claras.

A mãe acha o Pai capaz de "cisma", que resulta em punição injustificada de Miguilim, e atribui-lhe uma desmesura cujos efeitos tenta prevenir. Numa ocasião em que Miguilim acorda sentindo-se muito doente, a Mãe diz rapidamente que se devia "dar logo sal-amargo a ele senão o Bero vem, ele pensa que o remédio para menino é doses, feito bruto pra cavalo..." (p.63).

Na única vez em que o Pai transmite explicitamente um conhecimento a Miguilim - não demonstrar medo do gado, senão "até mansa vira brava" - o ensinamento revela-se insuficiente: Miguilim "andou logo por dentro da boiada (...). Dai foi um suso, veio Pai, os vaqueiros vieram (...), carregaram ele pra o alpendre, passavam muito rallo (...). Tu entra no meio desse gado bruto, que é outro, tudo brabeza dos Gerais?! (...). De em diante, Miguilim tudo temeu de atravessar um pasto" (p.77).

Nhó Bernardo, usando da prerrogativa do pai-de-família de decidir o momento em que os filhos começam a ter tarefas fora de casa<sup>12</sup>, anuncia que Miguilim passa a levar-lhe o "almoço na rocinha". A alegria de Miguilim é "a sus": "Pai estava achando que ele tinha préstimo para ajudar" (p.67). Mas, Nhó Bernardo não estava exatamente visando o adestramento do filho para o trabalho agrícola. Queria corrigir-lhe o caráter fantasioso, que levava Miguilim a crer-se à beira da morte. Segundo Seo Aristen, o vizinho rastreador que também "assisava de aconselhar remédio", para Miguilim, "exercício era bom: podia até na caçada...". Ao adaptar o conselho, o Pai substitui a caçada pelo cumprimento de tarefa correspondendo ao reconhecimento de que Miguilim tinha idade para um dado aprendizado. Eis Miguilim mais uma vez induzido em desorientação. Durante toda a refeição, na roça, o Pai não fala com Miguilim. Ele tenta então iniciar uma conversa:

"- Pai, quando o senhor achar que eu posso, eu venho também, ajudar o senhor capinar roça..."

Como o Pai nada respondeu, Miguilim teve novamente medo: de "ter falado bobagem faltando ao respeito" (p.69).

Dito, o irmão preferido de Miguilim, que se acomodara muito melhor ao temperamento do Pai, uma vez aconselha que ele se abstenha de exprimir suas opiniões por "Pai gosta que menino não fale nada desta vida!" (p.90). E, com efeito, terminada a refeição na roça, Pai diz para si próprio e para Miguilim: "-. Estou comido, regalo do corpo e bondade de Deus. Agora volta pra casa, menino caça jeito no caminho não fazer arte" (p.70).

Miguilim, que "ficava mais vezes de castigo", compara sua situação a de Chica, irmã menor, a que apanhava mais. Mas, Chica "tinha malgênio - todos diziam. Ela aprontava birra, encapelava no chão, capelcava; mordida as pessoas, não tinha respeito nem do Pai"

<sup>12</sup>Beatriz Heredia, *A morada da vida*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro: 1979, p.108.

(p.24). Enquanto ele, Miguilim, que buscava saber quando e como respeitar, não acertava. Dito, em compensação sabendo que o Pai não queria que uma árvore fosse derrubada, diz ao vaqueiro Saliz "para botar no chão, mandado do Pai". Para espanto de todos - terminam que Dito fosse "apanhar de tirar sangue" - o Pai termina por abraçar o filho, que mentira, e diz-lhe "que ele era mesmo corajoso e com muito sentimento, nunca que mentia" (p.57). O respeito podia assim ser desrespeito desde que, por arimanha - Miguilim diz do irmão: "Dito não fosse tão ladino", aparecesse convertido em reconhecimento da hierarquia, do legítimo uso da violência pelo superior e tudo isso associado a uma renovada declaração de afeto. É o que se depreende do argumento de Dito para enfrentar Nhô Bernardo:

"- Ah, Pai, ressonhei que (...) se a árvore danasse de crescer, mais o senhor é que é o dono da casa, agora o senhor pode bater em mim, mas eu por nada não queria que o senhor adoecesse, gosto do senhor, demais..." (p.57).

A perplexidade cede lugar a sentimento de injustiça quando Miguilim é punido e sabe não ter feito qualquer arte. Ao escorregar de um galho de árvore, cai sem se machucar e apenas rasga a calça, "rasgão grande mesmo. Tudo se dado infelizmente" (p.54). Ainda assim, o Pai dá castigo e particularmente humilhante: "mandou que deixassem Miguilim nu, de propósito, sem calça nenhuma, até Mãe acabar de costurar. Só isso, se morria de vergonha" (p.54).

À incompreensão do Pai com o "nervoso" de Miguilim, contrapõe-se o comportamento de Tio Teréz. Ao levar Miguilim para ser crismado no Sucuriju, Tio Teréz mostra-se cúmplice da forte emotividade do sobrinho que "às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado". Miguilim descobre que "imedecendo as venas", aliviava sua aflição. Como os caminhos das chapadas eram secos, Tio Teréz acumulava água numa cabacinha que oferecia a Miguilim dizendo-lhe: "É para beber (...) caçoando. Mas Miguilim ria também e preferia não beber sua parte, deixava-a para embeber o lenço e refrescar o nariz, na hora do arrocho" (p.14).

Tio Teréz revela-se assim dotado de uma sensibilidade em tudo oposta a desmesura que a Mãe identifica em Nhô Bernardo. Sucodem-se indicações de carinho atencioso de Tio Teréz por Miguilim. É o tio, por exemplo, que "de bom coração", ensina-lhe a "armar urupuca para pegar passarinhos".

Se os adultos não tinham tempo (entenda-se para dar atenção às crianças), "quase que nenhum, de trabalhar era que todos careciam", Tio Teréz lembra-se de levar Miguilim "à beira da mata, tirar taquaras". E, contrastando com a atitude do Pai após Miguilim cair da árvore, Tio Teréz demonstra preocupação de que o sobrinho não faça excessivo esforço físico: "- Miguilim, este feirinho está muito pesado para você?" (p.37).

Ao mutismo do Pai, opõe-se o gosto de Tio Teréz em comentar fatos da natureza: "Na arcaçigama do mato de baixo, os tucanos estão reunidos lá, gritando, conversando, cantoria de gente..." (p.26). Se interrogado sobre uma palavra, coisa desconhecida, não se furtava de responder: "- Que é que é flauta, Tio Teréz?" "- Flauta era assovio feito, de instrumento, a melhor remediava o pio assim do sanhaço grande, o ioio-ioim deles..." (p.51). Suas palavras são também preciosamente conservadas por Dito que, a respeito do que é um circo, responde a Miguilim: "- É uma moça galopando em pé em rita do cavalo, e homens revestidos, com farinha branca na cara... Tio Teréz disse. É numa casa grande de pano" (p.34). Junto a Tio Teréz, Miguilim tenta conferir apreciações contraditórias, que suscitam-lhe grande dúvida sobre o lugar onde moram: "... o senhor acha que o Mutum é lugar bonito ou feioso?" "- Muito bonito, Miguilim; uai. Eu gosto de morar aqui..." (p.16).

Tendo em vista as funções que Tio Teréz cumpre na educação de Miguilim e, em menores proporções na da Dito, ele ocupa um espaço que o Pai, por seu silêncio e rudeza, deixa vazio. Assim o Pai e o Tio aparecem como elementos redundantes, cumprindo funções iguais de forma antagônica (severidade/bondade;

mutismo obtuso/fala perspicaz; transmissão insuficiente/eficiente de conhecimentos).

Mas não há apenas uma questão de redundância. Tio Teréz, tão sensível e delicado, destaca-se mais do que o Pai em atividades associadas a força viril<sup>13</sup>, e tem também um ofício - o de vaqueiro que "levanta gado" em campo aberto - que desfruta de prestígio muito maior do que o de "roceiro".

Em episódio, cujos desdobramentos se estendem ao longo de toda a novela, revela-se espaço em que a redundância do Pai e de Tio Teréz é radicalmente impossível:

"Pai está brigando com a Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe..." (p.21).

"Eu acho, Pai, não quer que Mãe converse mais nunca com o Tio Teréz... Mas está soluçando em pranto, demais da conta" (p.22).

A suspeita de infidelidade conjugal, acentua ainda mais as lacunas do Pai, que não consegue assegurar o cumprimento de um padrão social básico em sua casa<sup>14</sup>. Para reestabelecer a ordem doméstica, o Pai usa de violência física contra a Mãe, suscitando diferentes reações nos filhos. Dito que, segundo Migulim, "era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro (...), Deus tinha dado a ele todo o juízo", tenta afastar-se do lugar da briga e, inutilmente, arrastar Migulim com ele. Outra vez, Migulim faltará ao respeito, intrometendo-se na briga para impedir que o Pai bata em sua mãe.

<sup>13</sup>Enquanto o Pai "doitava"caçando um tatu, Tio Teréz adentra a cozinha carregando displicentemente um coelho morto. Em caçada coletiva, o Pai não consegue impedir que um de seus cães favoritos seja esmagado por um tamandará e sequer se alcança a anta perseguida.

<sup>14</sup>Afrânio R. Garcia Jr., *op. cit.*, p.116.

O episódio tem por desfecho imediato, uma sutra em Migulim - "... o pai tirara o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, (...) Quando pôde respirar, estava sentado no tamborete, de castigo" (p.22). Quanto a Tio Teréz, fará breve reaparição na narrativa para ser em seguida imediatamente expulso da casa de Migulim.

Eliminando o fator do desequilíbrio doméstico, o respeito estaria restaurado e, a tal ponto, que o Pai reintroduz em casa outro homem solteiro, Luisalino: "um moço muito bonito apessoado" (p.88), segundo Drelinha, a mais velha das irmãs de Migulim. Trata-se do meiro, cujos bens limitam-se a uma trouxa, uns trens e o papagaio Papaco-o-Paco. O Pai justifica o convite a Luisalino pela conveniência de se ter "outro homem de respeito" em casa, face a ameaça que representavam os "criminosos que andavam soltos nos Gerais" (p.88)<sup>15</sup>.

Luisalino rapidamente reproduz práticas e comportamentos semelhantes aos de Tio Teréz junto aos meninos e, em particular, a Migulim. Luisalino ensina a fazer gaiola para os pássaros (p.91), improvisa boia com pau-de-pita para ensinar a nadar (p.93) e, desde o primeiro encontro com Migulim, pega em sua mão e lhe sorri com "olhos alumiados".

O Pai, embora não gostasse de papagaios, admitiu Papaco-o-Paco, que seria "um que se respeitava". Mas, assim que se manifestou, Papaco-o-Paco pareceu cantar muito intimamente para a Mãe: "Olerê lerê lerá, morena dos olhos tristes, muda esse modo de olhar..." (p.90).

<sup>15</sup>Dentre as ameaças, destacava-se a de sequestro de mulheres casadas: O "Brasilino Boca-de-Bagre, que cercava as pessoas nas estradas, roubava de tudo, até tinha aparecido na Vereda do Terentém (...), deram a mão o que ele quis, conduziu a mulher do Zé Ijim, emprestada por três dias, devolveu só dali a quase um mês" (p.42).

### 3. Linda e triste; velha e virtuosa.

É como "mulher linda, com cabelos pretos e compridos" que Nhanina, a Mãe, entra na novela dizendo sua tristeza em ter de viver no Mutum. Queixa-se "principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro (...) ou mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar" (p.14). Em outras passagens, há referências ao fato de que a Mãe frequentemente chorava, isolando-se em seu quarto: "adecia assim nessas ocasiões, pedia ao consolo" (p.22).

Ao tentar defender Nhanina, Miguilim age contrariando uma expectativa habitual, pois o filho pequeno é que busca proteger a mãe. E, quando está amargando o castigo no tamborete, Miguilim pensa que nem mesmo Vovó Izidra o defendera. Logo ela, de quem "até o pai parecia ter medo" (p.22).

E, de fato, numa circunstância crucial, Vovó Izidra substitui e mesmo se sobrepe ao Pai. Com "uma curta brabeza diferente, palavras raspadas" (p.27), ela expulsa Tio Teréz, irmão do Pai: "...fosse embora, por nunca mais, na mesma hora. Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. (...) Vovó Izidra xingava Tio Teréz de "Caim", que matou Abel..." (p.28). E, depois de proferir a ordem de expulsão, proíbe-o de dar adeus a Nhanina, sua sobrinha.

À primeira vista, Nhanina viveria "espalhando suspiros, lastimosa"; à tia não restaria senão assumir as diversas atribuições de dona-de-casa e de mãe de família. Mas não é bem assim. Há domínios da vida doméstica em que Vovó Izidra se ausenta completamente. Nenhuma das duas mulheres adultas da família desempenha qualquer atividade ligada aos cultivos ou ao trato do gado. Vovó Izidra faz bordado de crivo; a Mãe costura a calça que Miguilim rasgara caindo da árvore. O cuidado da horta, as inúmeras tarefas necessárias à transformação de produtos agrícolas em alimentos, ou em meio de higiene corporal, incumbem as mulheres da cozinha. Exceto certas sobremesas, como creme de buriti, de que a

Mãe se ocupa. E a disposição final da refeição do Pai sobre o tabuleiro, que se leva até uma das roças. Quanto a prática de higiene e de preservação da saúde das crianças, a mãe e Vovó Izidra são igualmente ativas<sup>16</sup>. As duas mulheres alternam-se sem confronto. Mas, para decidir sobre a intervenção de alguém exterior a família para tratar da saúde das crianças, avulta o personagem de Vovó Izidra.

Quando o Pai recebe visitas de vizinhos, Vovó Izidra está sempre ao lado do casal, aproveitando para externar julgamentos sobre pessoas e iniciativas. Se tais julgamentos não são inteiramente concordantes com os do Pai, entram em franca discordância com os de Nhanina, que tem seu voto vencido.

Assim, Vovó Izidra "dava valor" a seo Deográcias, o que tinha "ofício de cobrador" e também "entendia de remédios". Homem viúvo, sua fisionomia era de "careta câ", com "dentes desarranjados", "sujo amarelal" por toda a cara e um "espim de barba". Nhó Bernardo aproveitou a ocasião da visita - em que seo Deográcias não só lhe fez coبانça mas pediu-lhe emprestado "um pouco de sal e de café, e um pedaço de carne-de-vento" (p.40) - para que Miguilim fosse examinado. Seo Deográcias diagnosticou que "p'ra passar a héctico é só facilitar de beirinha".

Nhanina teria preferido que chamassem seo Aristeu para ver Miguilim. O rastreador de caça, que também "assissava de aconselhar remédio", era homem "bonito e alto", tocador de viola. Mas Vovó Izidra reprovava a preferência de Nhanina por seo Aristeu: o "demo" lhe ensinaria a "formar profecias das coisas". Quanto ao Pai, ele despreza seo Aristeu que "mal entende do que é, calrumano labutante como nós..." e serviria apenas para "ajudorar" em caçadas.

<sup>16</sup> A Mãe passa pente-fino e óleo de babosa no cabelo das filhas, e aplica cristal na mão de Miguilim ferida pelo touro Rio Grande (p.97); Vovó Izidra espreme joão-leite na ferroada de marimbondo em Tomezinho (p.96) e tálamo de bálsamo no corte do pé de Dito (p.101).

A mesa, quando "Pai, Mãe e Vovó Izidra estavam desaliviados (...) não conversavam assuntos de gente grande, uns com os outros, mas cada um por sua vez falava era com os meninos, alegando algum malfeito deles" (p.38). A Mãe, era portanto, capaz de ralar, mas parece exercer mimeticamente a função de controle de comportamentos dos filhos. Muito diferente é a permanente insistência de Vovó Izidra que "não parava nunca de zangar com todos, por conta de tudo" (p.22). Ainda assim, são necessárias ressalvas para que, em relação a Vovó Izidra, se possa afirmar que era apenas repressiva, em contraposição a Mãe, só afeto<sup>17</sup>. Vovó Izidra se insurge contra o uso de violência física nos castigos inflingidos às crianças e era capaz de escondidos carinhos<sup>18</sup>. Não há dúvida, no entanto, de que a severidade é o traço dominante de Vovó Izidra: "dura e braba", diz dela Miguilim. Também observa que ela "a todos vigia" e só ri "por ter boca".

Ninguém pensaria em chamá-la, como fazem com a Mãe, para ver a beleza de um baile de vagalumes. Não é gesto que pudesse partir de Vovó Izidra, o de tomar Miguilim nos braços porque ameaçado de tuberculose por seu Deográcias. Ou pegar Tomzinho no colo, por ter sido esquecido em seus elogios aos filhos, e ainda emendar o esquecimento dizendo-lhe que "era um fiozinho caído do cabelo de Deus" (p.92). É o que faz Miguilim achar que a Mãe "às vezes era a pessoa mais ladina de todas" (p.93). Nhamina, como Tio Teréz, é que informa sobre coisas distantes e sobre o passado: acontecimentos sucedidos no Pau-Roxo: a ida de Mátina ao teatro, onde vira dançar uma moça, Corina, e por isso, quanto "chumbada", aprovava como o povo no teatro: "Cena, Corinta!" (p.33). Mas a

melancolia da Mãe podia ressurgir num momento de êxtase, por exemplo, quando diz a Miguilim que o "lumeio" dos vagalumes é um acenado de amor... " (p.79). Dito, contrariamente a Miguilim, não aprecia as sutilezas emotivas da Mãe e reprova que Miguilim as reproduza: "- Dito, eu às vezes tenho uma saude de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde, me afrontando...". "- Deve de não, Miguilim, descarece. Fica todo olhando para a tristeza, você parece Mãe" (p.61).

Feitas as contas sobre a participação da Mãe e de Vovó Izidra em vários planos da vida doméstica - atividade na cozinha; preservação da higiene e da saúde das crianças; controle de comportamentos dos filhos; transmissão de conhecimentos; consolo afetoso dos meninos - verifica-se que, apesar de sua melancolia, a Mãe não está nunca completamente ausente. Quando Vovó Izidra a suplantava, consegue a vitória através de aliança com o Pai. E Dito, ao criticar a Mãe, não propõe o exemplo alternativo de qualquer outro adulto da família.

A mudança é radical quando se passa para o domínio das práticas religiosas. Vovó Izidra reina então sem qualquer partilha: decide as ocasiões e os rituais de culto, em que desempenha o papel de sacerdotiza, tendo todos ajoelhados a sua volta. Até momento adiantado da narrativa, a Mãe mantém-se tão alheia ao universo religioso que nem sequer profere qualquer invocação.

Quando de uma tempestade, Vovó Izidra acende vela santa, queima ramo bento e invoca a proteção de Santa Bárbara e de São Jerônimo que "salvavam de qualquer perigo de desordem" (p.31). Protegem da destruição que chuva e raios podem provocar? "Vovó Izidra tirava o tórço, todos tinham de acompanhar" (p.34). A medida que prosseguem suas orações, precisa-se a natureza várias das desordens a que se refere: "... ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar" (p.34).

<sup>17</sup> Como a tia Sinhazinha, toda repressão, e a tia Maria, toda afeto com Carlos, personagem principal de *Doidinho*, de José Lins do

Rêgo, segundo J.S. Leite Lopes, *op. cit.*, p.67.

<sup>18</sup> Ainda que, por inesperados, fossem algo aterradores: "... Miguilim se encolhia (...) uma pessoa, uma alma, estava ali à beira da cama, sem mexer rumor (...) Era Vovó Izidra. Quando via que pensava que ele estava bem dormindo, ela beijava a testa dele..." (p.38).

Este é o único episódio da novela em que a Mãe dirige diretamente a palavra a Vovó Izidra e tenta explicita e temerosamente opor-se a ela: "Mãe ponteeava, com muita cordura, que Vovó Izidra devia de não exaltar coisas assim, perto dos meninos" (p.34). A réplica de Vovó Izidra é uma pérola de má-fé: "Os meninos necessitam saber, valença de rezar junto. Inocência deles é que pode livrar a gente de brabos castigos, o pecado já firmou aqui no meio, braseado, você mesma é quem sabe, minha filha!...". Sob o pretexto de que as crianças precisam entender a urgência de rezarem, Vovó Izidra tira-lhes a inocência e revela que a Mãe, pecadora, é a matriz das desordens. Diante disso, não há mais palavra a ser dita. Como criança constrangida a obedecer, a Mãe baixa a cabeça. Nhanina, mulher casada, mãe de filhos, é mantida "nena"<sup>19</sup>.

Tia da Mãe, Vovó Izidra acompanhou-a quando do casamento com Nhó Bernardo. A infantilização da sobrinha é um poderoso meio para que Vovó Izidra não se encontre na posição de mulher "sem função social"<sup>20</sup>. Ainda mais que Vó Benvinda, a mãe de Nhanina, também passou a viver com o novo casal. Acontece que Vó Benvinda colocou-se ela própria de lado: "...antes de morrer, toda a vida ela rezava, dia e noite, caprichava muito com Deus, só queria era rezar e comer, e ralhava mole com os meninos" (p.34). Sabe-se, por inscrição de um vaqueiro, que "Vó Benvinda quando moça tinha sido mulher-à-toa". Com o que já se conhece de Vovó Izidra é possível supor seu ativo papel na culpabilização, na exortação ao incessante orar como tentativa de expiação dos passados pecados e, finalmente, na apatia vegetativa de Vó Benvinda. Quantas vezes não terá dito a irmã que o "demonho diligenciava de entrar em mulher, virava cadela de satanás..." (p.35) como, diante das crianças, diz a Nhanina?

<sup>19</sup>Cf. "...Tomezinho, que só tinha quatro anos, menino neno..." p.19.

<sup>20</sup>Nos romances de José Lins do Rego, solteironas, loucas e "banidas" pelos maridos são mulheres "sem função social" - J.S.Leite Lopes, *op. cit.*, p.81.

#### 4. Erros em acerto (I)

O problema da função social de Vovó Izidra não data provavelmente apenas da situação criada pelo casamento de Nhanina com Nhó Bernardo. Inexistindo referência a casamento de Vovó Izidra, pode-se supor que, solteirona, viveu na casa da irmã Benvinda. Em algum momento da vida, talvez em Quartel-Geral-do-Abaceté, quando "mulher-à-toa", Benvinda teve dois filhos - Nhanina e Osmundo - mas nada se sabe sobre o pai deles, ou seus respectivos pais. A ausência de marido estável teria levado a emergência de uma família matrifocal, cabendo a maternidade forte a Izidra, que cuidaria das crianças; enquanto Benvinda, circulava<sup>21</sup>.

A perda de função social de Vovó Izidra na casa de Nhanina teria sido assim tão mais significativa quanto, embora solteirona, desempenhara o papel de dona-de-casa e mãe dos filhos de Benvinda.

Ao expulsar Tio Teréz, Vovó Izidra conserva uma posição de ascendência sobre toda a família, Nhó Bernardo inclusive; ou seja a posição que, por hipótese, desfrutara antes do casamento da sobrinha. Embora envelhecida, "riscada magra, seca" e ocupando o "pior de todos" os quartos da casa, como Vovó Izidra ainda se outorga tal posição?

Depois de expulso Tio Teréz, Nhó Bernardo volta para casa à "hora do angu dos cachorros". Almoça com toda a família e, segundo relata Míguilim, "não estava zangado, não dizia" (p.38). Não há qualquer menção nem a briga com Nhanina, ocorrida na véspera, nem a ausência do irmão. A decisão soberana de Vovó Izidra é tacitamente aceita. Ou melhor, o silêncio de Nhó Bernardo oculta a decisão, como se nada tivesse ocorrido. A ordem na casa se teria assim restabelecido por si mesma, sem que formalmente a ascendência de Nhó Bernardo fosse prejudicada.

<sup>21</sup>Sobre a ausência de família nuclear, a constituição de família matrifocal e "maternidade forte", cf. J.S. Leite Lopes, *op. cit.*, p.73.

Seria por uma profunda afinidade que Nhó Bernardo, Bero (fero) e Vovó Izidra (azedra), além de gostarem de café "amargoso", "degsosável", agiriam em coordenada dupla? A chave da associação será revelada quando Vovó Izidra e Nhó Bernardo se ausentam simultaneamente do Mutum para, respectivamente, servir de parteira e fazer visita de pêsames. A noite se converte então no "dia mais alegre". Sem a vigilância opressiva de Vovó Izidra e a ameaça repressiva do Pai, Nhanina anuncia "que todos iam executar um passeio até onde se quisesse, se entendesse" (p.93).

As transgressões sucedem-se rapidamente. De serão anterior, no pátio da casa, o Pai não participara. Ficara lá dentro, "cansado, deitado na rede macia de buriti (...) como cochilava" (p.76). A Mãe só saíra quando chamada pelos filhos para ver os vagalumes. Agora, Nhanina tomava a iniciativa e a dianteira: "ia na frente, conversando com Luisaltino" (p.93), tendo por séquito os meninos com cavalo-de-pau; a filha Chica, com uma boneca; duas das mulheres da cozinha; os vaqueiros e "mais gente". Não era a primeira vez que Luisaltino conversava sozinho com Nhanina. Dito já os pilhara (p.91) e contara a Migulim que falavam sobre Tio Teréz. Durante o passeio, e com que público, conversam sem dar atenção nem a lua "grandona" nem a ninguém. Desta vez falam de novo sobre a vida afetiva da Mãe, o que leva Luisaltino a dizer que "judiação do mal era por causa que os pais casavam as filhas muito meninas, nem deixavam que elas escolhessem noivo" (p.94).

A compreensão solidária de Luisaltino abre várias pistas, sendo que, para a análise da estrutura da família de Migulim, a mais interessante é a que remete ao momento do casamento dos pais. Se Nhanina não se casara por amor, quem escolheu Nhó Bernardo para ser seu marido? Provavelmente Vovó Izidra, em Quartel-Geral-do-Abacé, é que teria decidido casar precocemente Nhanina para protegê-la do risco de prostituição, por ser criada numa família

matrifocal e o risco de ser agravado pelo fato de ser filha de "mulher-á-toa"<sup>22</sup>.

Nhó Bernardo, por seu lado, teria sido pretendente enamorado que, aliás, continuava apaixonado pela esposa, conforme Migulim observa durante a visita de seo Deogracias: "o pai gostava de manãe, com o ser, com os olhos como que ele olhava, tanto querendo-bern; e o pai estava remuçado" (p.44).

No momento em que transcorre a ação no Mutum, o Pai tem por rivais Tio Teréz e Luisaltino que, solteiros, são provavelmente mais jovens do que ele. Nhanina permanecia a esposa muito moça<sup>23</sup> de um sisudo homem barbado, que não se distinguia por sua beleza. Outros homens - Luisaltino e seo Aristeu - chamam atenção dos filhos e da Mãe por serem respectivamente "sem barba nenhuma" e "apessoado"; "um homem grande, desusado de bonito, mesmo sendo roceiro" (p.64).

Vovó Izidra teria sido responsável pelo casamento de Nhanina com um homem apaixonado pela sobrinha, mas bastante mais velho e pouco atraente. Para Nhanina, filha de prostituta, não seria o partido possível? E, mais do que possível, ideal, porque certas circunstâncias convertem o matrimônio de Nhó Bernardo, roceiro de Buritis-do-Urucua, com a estigmatizada Nhanina, em casamento hipogâmico<sup>24</sup>.

Nhanina leva consigo uma espécie de dote constituído por uma (Máitina), senão duas (Rosa também) mulheres da cozinha, além de uma tia virtuosa e a mãe, em fase de arrependimento místico;

22 J.S. Leite Lopes, *op. cit.*, p.85.

23 Em momento de doloroso afeto pela Mãe, Migulim relembra como trata dos cabelos de Chica e Dreina como se fossem "suas duas muito irmãzinhas", p.62.

24 Casamento em que ocorre uma desigualdade de *status* entre os cônjuges, o marido tendo *status* inferior ao da mulher.

- Nhanina é uma jovem cidadina, prendada (sabe fazer sobremesas e costurar algum remendo) e alfabetizada.

positiva entre desempenho paterno na socialização de Mígulim e perspectiva de reprodução social.

Indiretamente, Nhó Bernardo manifesta menosprezo por sua própria condição de roceiro ao referir-se a seo Aristeu como alguém que "mal entende do que é, catrumano labutando como nós...". E isso apesar de seo Aristeu, além de roceiro e rastreador de animais de caça, dar "rumo aos vaqueiros do movimento do gado fugido", benzer "bicheira dos bois" e ser o único nos arredores a ser dotado da "inteligência" de criar abelhas.

Dito, quando manifesta a aspiração de suceder ao Pai como tomador-de-conta do Mutum, não pensa em ser "roceiro", mas criar um "gado enorme" (p.99). Outras vezes, Dito sonha com a perspectiva de ser "um fazendeiro muito bom, fazenda grande, tudo roça, tudo pastos, cheios de gado..." (p.106).

Ausente ou errático no adestramento dos filhos para uma condição que desvalorizava, Nhó Bernardo manifesta decisão mais nítida quanto a alfabetizar Mígulim e Dito, sem no entanto obter sucesso:

"- Seo Deográcias, o senhor que sabe escola, podia querer ensinar o Mígulim e o Dito, assim vez por vez, domingo ou outro, para eles não segurem atraso de ignorância?" (p.43).

"- Bom, seo Nhó Berro, o que o senhor está é adivinhando uma tenção que já está residida aqui nesta minha cabeça há muito, mas mesmo muito tempo... Mas o que não pode é ser assim de horas pra hora. Careço de mandar vir papéis, cartilha, régua, os aviaamentos..." (p.44).

A auto-desvalorização do Pai permeia por um lado, a ambiguidade quanto aos rumos da educação de Mígulim e de Dito e, por outro, as aspirações dos meninos quanto a sua condição futura. A Mígulim e a Dito já era confiada a tarefa de ajudar Mãitina a "arrancar inhame pra os porcos". Trata-se de atividade desempenhada nos arredores da casa que, em circunstâncias habituais<sup>25</sup>, seria decidida pela mãe. No Mutum, a ordem é dada por Vovó Izidra na sequência de um pito (p.71). Só mais tarde é que os meninos passariam para a órbita do pai e, sob sua orientação, aprenderiam as técnicas relativas às sucessivas etapas do ciclo produtivo no campo. Esta passagem nunca ocorrerá. Houve aquela primeira tarefa atribuída por Nhó Bernardo a Mígulim - a de levar-lhe "o almoço na rocinha" - que visou corrigir-lhe o caráter fantasioso, mas só fez aumentar sua desorientação quanto às expectativas do Pai. O ensaio também teve curta duração: Mígulim assusta-se com uma "capela de macacos", deixa cair o almoço que é imediatamente devorado pelos animais e, por algum tempo, não se fala mais naquela obrigação.

Em outras ocasiões, Nhó Bernardo fará Mígulim trabalhar na roça e até mais longe, mas serão sempre atividades atribuídas como medidas punitivas. Em nenhum momento haverá associação

<sup>25</sup>Beatriz Heredia, *op. cit.*, p.108.

Alfabetizar os filhos significaria dotá-los do conhecimento de uma técnica que o próprio Nhó Bernardo não domina, como transparece no diálogo com seo Deográcias e se confirma pelo enlameamento com o fato de Nhanina "saber as letras", embora não tenha paciência para ensiná-las aos filhos e de não decorar números de contas (p.44). Face a seo Deográcias, homem letrado, podendo até escrever carta ao Presidente para denunciar a "falta de providências naquelas más brenhas", o Pai recusa subordinar-se além de certo ponto. Se Vovó Izidra e o Pai preferem seo Deográcias a seo Aristeu para "aconselhar remédios", não pensasse seo Deográcias que "tudo o que fala é minhas-ordens, que por destino de pobres ignorantes a gente é bobo também..." (p.56).

Meia resistência que Nhó Bernardo já não pode oferecer frente a Osmundo Cessim, o irmão de Nhamina. É na casa de Osmundo, em Vila-Risonha-de-São Romão, que se criava Liovaldo, o primogênito do casal. Nhó Bernardo estimava que a este filho tinha cometido "boa sorte", comparando-a a de Mígulim "que já estava no ponto de aprender a ler" e "não tinha quem ensinasse pautas" (p.38). E, às benesses de tio Osmundo, se contrapunha a nenhuma vantagem material propiciada à família do Mutum por Tio Teréz, irmão do próprio Nhó Bernardo.

Quando de sua única visita ao Mutum, visita de pésames, Osmundo Cessim "trouxe um pano de roupa para Mãe, um fêção novo para o Pai, uma roupinha para cada um dos meninos. Trouxe pão, que dava para todos; e bacalhau; e um rosário de contas roxas, para Vovó Izidra" (p.120). À volta do Sucuriju, onde Tio Teréz o levava para ser crismado, Mígulim dá aos irmãos um falso santinho - "uma figura de moça, recortada de um jornal" - e em seus bolsos só encontra "um pedaço de barbante e as bolinhas de resina de almagêça, que unbara da casa da árvore, beira de um ribeirão" (p.18).

Ao longo dos anos, o casamento mantém-se hipogâmico e Vovó Izidra conserva o lugar de destaque que ocupara na família matrifocal, usurpando atribuições de Nhamina e de Nhó Bernardo. Quanto à Nhamina, não haveria sequer propriamente usurpação. Ao tornar-se adulta, revela tão forte tendência ao pecado que tem de ser manida sob vigilância para que não "desmanche" a família.

##### 5. De Rosa Matina à paternidade difusa.

Mígulim, com os pais vivos, e por causa de sucessivos erros sem acerto - desde, pelo menos, o casamento de Nhamina com Nhó Bernardo, arranjado por Vovó Izidra, que assim julgava salvar a sobrinha e também preservar sua posição - atravessa situações de semi-orfandade: Ora falta-lhe a Mãe, só voltada para a tristeza, segundo Dito; ou para os homens que a atraem. Ora, quase sempre, falta-lhe o Pai, que não compreende Mígulim e, em consequência, o maltrata muito.

Junto às mulheres da cozinha, aos vaqueiros e a seo Aristeu, é que as crianças, e em particular Mígulim, buscam apoio para enfrentar a perplexidade provocada pelos conflitos entre os adultos com quem tem laços de parentesco e preencher suas lacunas.

Há dúvidas que desaparecem pelo próprio evoluir do erredo. Mígulim pergunta-se se Tio Teréz, depois do acontecido entre os pais, ainda tem autoridade para tirar ele do tamborete do castigo. A expulsão de Tio Teréz logo soluciona o problema. Outras dúvidas - "Vovó Izidra não tinha de gostar de Mãe? Então, por que era que judiava, judiava?" (p.35) - ficam sem resposta. Há discordâncias de apreciações formuladas por adultos que não podem ser conferidas: "Tio Teréz não parecia com Cain, jeito nenhum. Tio Teréz parecia com Abel..." (p.37), pensa Mígulim, duvidando da acusação de Vovó Izidra.

Dentre as inextricáveis situações criadas pelos adultos, destacam-se as que envolvem Tio Teréz e a Mãe. Passado algum tempo que fora corrido de casa por Vovó Izidra, Tio Teréz reaparece no meio do mato, que Mígulim se esforçava tanto para não temer. O Tio relembra o dia em que juraram "ser amigos de lei, leal". E, logo depois, pede ao sobrinho que, "bem escondido", entregue um bilhete a Mãe e traga-lhe a resposta (p.70).

A situação mergulha Mígulim em terrível crise moral: ser desleal ao Pai; expor uns e outros aos desatinos agourados por Vovó

Izidra; falar ao Tio e o que fazer do bilhete? Dito, em sua concisão pragmática, não consegue ajudar Miguilim: - "Dito, como é que a gente sabe certo como não deve fazer alguma coisa, mesmo os outros não estando vendo?". "A gente sabe, pronto" (p.74). Miguilim continuará perguntando a sua volta, sem achar solução adequada para um problema que nem sequer pode enunciar. Mas, quando a Mãe associa prazer e erro - "Ah, meu filhinho, tudo que a gente acha bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é malfeito..." - revela-se inelutável necessidade para Miguilim de recorrer a amparo fora da família.

#### Mulheres na cozinha.

Rosa, quando citada pela primeira vez, está "limpando tripas de porco, prá se assar". Faz isso ao mesmo tempo em que a Mãe prepara uma de suas sobremesas. Em outra ocasião, arrumam juntas a comida do Pai no "tabuleirinho de pau". A Rosa incumbem as tarefas que exigem maior iniciativa, destreza e capacidade de cálculo (quantidade, pesos e prazos)<sup>1</sup>. Não se sabe como Rosa, "branca(...) gorda e meia velha" (p.99) chegou a casa de Miguilim, mas ela sabe que tem de prestar serviços a família. Apesar da meia-idade de Rosa, a Mãe não hesita em gritar para as crianças que "Rosa sozinha pegava" o mico-estrela ultra ágil fugido (p.100). E Rosa traz copo de água para a família sem mesmo se ter pedido (p.101).

Dizia-se de Mátina que era "negra fugida, debaixo do cativoiro, que acharam caída na enxurrada, num tempo em que Mamãe nem era nascida" (p.25). A ela são atribuídos os trabalhos

1É ela que recolhe um balde esquecido na beira do curral (p.30); que limpa o açúcar "mexendo no tacho", ou seja, que executa a precisa tarefa de depuração (p.75) e que "deita" as galinhas (p.91, 117).

mais pesados e mecânicos<sup>2</sup>. Ao fugir da escravidão, Mátina só obtivera liberdade muito restrita: em troca da proteção da família de Izidra e Benvinda, Mátina vê-se condenada a incessante atividade, péssimas condições de vida e nenhum reconhecimento. Ao intinar Mátina a comparecer ao culto anti-desordens, Vovó Izidra trata-a como peso morto, nega-lhe qualquer prática produtiva e desqualifica sua fé: - "Traste de negra pagã, encostada na cozinha, mascarando fumo e rezando para os demônios dela, africanos!" (p.33). E, como Mátina não reza apropriadamente ("Vêva Maria zela de graça, pega na Zesú põe no saco de mombassa..." (p.33), Vovó Izidra manda que volte "para a cozinha, lugar de feitiço era debaixo dos olhos do fogo, em remexendo borralho"(p.34). Assim, se Mátina mora no acrescente, onde cozinha e dorme num canto "revoso", estava exatamente em seu lugar. Se a Mátina, diferentemente de Rosa, dava-se ordens e muitas, era incerta a expectativa de eficácia. Mátina obedecia "tudo o que os outros mandavam, quando não estava com raiva. Se estivesse com raiva ninguém tinha coragem de mandar" (p.41). Assim, o personagem submítico a maior opressão, é também o que desafia proibições religiosas<sup>3</sup>, não interioriza completamente a obrigação de servir nem a de dar manifestações de respeito a seus protetores. Ao contrário, de razões imprevisíveis Mátina podia insultar os da família dizendo que "todos não prestavam" (p.49).

Maria Pretinha é uma espécie de auxiliar de Rosa - pica couve na gamela ou lava vasilhas - com quem aparece "acabando de fazer o jantar". Dela só se conhece o sorriso: "dentes tão brancos, de repente eles ocupavam assim muito lugar" (p.29); "sabia rir sem

<sup>2</sup>Por exemplo: arrancar inhame - "...cavacava com o enxidão (...) pegava própria terra do chão com os dedos do pé dela" (p.71) - e bater paçoca no pilão (p.111). Durante "horas completas" ficava cozinhando goiabada (p.49) ou sabão, feito de fruta de tingui (p.93). Cabia-lhe ainda bater "a roupa na laje do lavadouro" (p.98).

<sup>3</sup>Vovó Izidra dava busca em seus "guardados" e lançava ao fogo os "calunguistas". Pouco adiantava a fúria inquisitorial de Vovó Izidra: Mátina de novo esculpia tocos de pau.

rumor nenhum" (p.89). Foi provavelmente criada pela família de Miguilim, que ainda a incluí dentro as crianças de casa (p.45). Mas Maria Pretinha já tem a astúcia de servir café para o vaqueiro Salúz (p.89) - como Rosa serve água para a família -, quando quer inquirir sobre o vaqueiro Jé. E Maria Pretinha não tarda em fugir com Jé, o que provoca irada reação de Rosa: "...coijo desgramado! Sempre eu disse que ele era do rabo quente... Levou a negrinha a cavalo..." (p.99).

Rosa perdia sua auxiliar e a "negrinha" escapava do semi-cativeiro em que ela e Mátina iam permanecer. Mas Rosa é muito ciosa de marcar sua diferença com a ex-escrava: chama-a de "negra" e de "feiticeira", como faz Vovó Izidra. Aliás, é com Rosa que Vovó Izidra conferencia sobre a fuga da mais jovem das mulheres da cozinha. Rosa tem outros comportamentos semelhantes aos de Vovó Izidra: expulsa as crianças da cozinha e diz a Miguilim que deixe de ser "especúla", quando a sonda sobre o estado da Mãe: em prostração ou "também vem jantar?" (p.28). É Rosa ainda que tenta evitar que as crianças adquiriram precocemente certos conhecimentos: [Mátina] "pinguda de muita cachaca soflagrava umas palavras que a gente não tinha licença de ouvir, a Rosa dizia que eram (...) coisas pra mais tarde" (p.33). E, principalmente, que não fossem mais longe do que a insinuação sexual, quando Mátina "caia no chão, deixava a saia descomposta de qualquer jeito, as pernas pretas aparecendo" (p.33) ou quando, em momentos de ênfase ou de fúria, apresentava o "sesso". Podia ainda ser de Vovó Izidra a resposta de Rosa à questão de Miguilim atormentado pelo dilema de lealdade desencadeado pelo retorno de Tio Teréz: - "Rosa, quando é que a gente sabe que uma coisa que vai não fazer é malfeito?" "É quando o diabo está por perto" (p.74).

Mas Rosa também é capaz de dar o "ponto de puxa" do açúcar a Miguilim (p.75) ou de tostar sabugos de milho para Dito brincar de carrinho-de-boi (p.57). E, na verdade, até para Rosa a presença de Vovó Izidra é opressiva. Quando a casa ficou "mais alegrada", devido a Vovó Izidra sair para servir de parteira, Rosa levou os meninos para uma pescaria: "foi muito divertido, a gente brincava de rolar à toa no capim dos verdes" (p.93). Rosa, que sabe a

diferença entre tipos de calendário, preferindo à folhinha-de-Mariana", "folhinha de desfolhar de tão bonitos quadros..." , tem amplo domínio das palavras. A Rosa é que Miguilim se dirige após dois frustrados pedidos de ajuda para o temor da doença anunciada por seo Deográcias: Fingindo medo do "trovão de chuva", pedira a Vovó Izidra que rezassem "de oratório", mas a tia-avó diz que "aquela chuva não regulava de se acender vela..." (p.47). Mátina, bêbada, também não pudera lhe dar "qualquer assinzinho de socorro" (p.50). Então decide-se por Rosa: "...que coisa é a gente ficar héctico?" - "Menino, fala isso não. Héctico é tísico" (p.50).

Se Miguilim primeiro pensa em pedir conselho a Mátina, "mesmo, como não devia", é porque sabe que ela gostava dele. Até "tinha gostado, muito, uma vez, fazia tempo, tempo". Foi quando Miguilim, ainda bem pequeno, fora até o acrecente e sentira tanto medo do escuro que "se agarrando nas costas (...), se abraçou com Mátina". E "de repente, Mátina estava pondo ele no colo, macio manso e fazendo carinhos..." "Mátina falara "no atrapalhado da linguagem dela (...) a zúo, a zumbo" (...) ele entendia que era só de algum amor" (p.49).

Mas, contrariada por Dito e Miguilim, que não aceitaram seu "rodelão de cobre-de-quarenta" para furtar um copo de cachaca do Pai, Mátina se enfurece com os meninos: "...sapateava, até levantava de ofensa a saia..." (p.72).

#### Vaqueiros e seo Aristeu.

O Mutum seria bem mais triste não fosse a frequente presença dos vaqueiros e as visitas do vizinho seo Aristeu. Sem os vaqueiros, não haveria "meio de tardinha" jogos no pátio, nem os serões - iluminados por fogo de sabugos de milho e lenha, acendido por Jé - quando Salúz conta casos de caçada. Não haveria também passeios na garupa do cavalo para Tomezinho e Chica.

Mas, além disso, os vaqueiros é que ensinam aos meninos conhecimentos relativos à criação do gado: onde havia berne, como tirar leite ou sarar uma "pisadura". Na verdade, só Dito, que manifesta a aspiração de futuramente tornar-se fazendeiro, se interessa. Dito informa-se sobre o conjunto de práticas produtivas realizadas no Mutum através de contínua "escutação" prazerosa ou de perguntas feitas aos vaqueiros. Eles transmitiam conhecimentos empíricos para quem, um dia, iria trabalhar como eles, vaqueiros. Nisso diferem de Tio Teréz e de Luisaltino que ensinam práticas - respectivamente fazer armadilha e gaiola para passarinho - que são reminiscências de sua própria infância. Também não há nos vaqueiros vestígio do menosprezo que caracteriza a atitude do Pai quanto a sua condição de roceiro.

Com os vaqueiros, os meninos do Mutum experimentam um desafogo que as mulheres da cozinha, também envolvidas nos conflitos de casa, não podem propiciar. Se a ninguém escapa o conflito entre Nhanina e Nhô Bernardo, além da iniludível expulsão de Tio Teréz, os meninos não falam sobre o assunto com as mulheres da cozinha. Vaqueiro Saluz é que rompe o silêncio dissimulado, mas não faz propriamente um comentário, muito menos maledicente ou desrespeitoso: "Tio Teréz foi morar no Tabuleiro Branco (...) o vaqueiro Saluz vai lá levar o cavalo dele e o resto das coisas (...) Tio Teréz decerto que quer trabalhar p'ra Sá Cefisa...".

- "Por que Dito? P'ra sempre?"

"...Vaqueiro Saluz disse que até assim é bom, Tio Teréz acaba se casando com Sá Cefisa, que ela é mulher enviuvada..." (p.41).

Vaqueiro Saluz, homem casado, pai de Bustica, informava aos meninos que estava a par dos graves distúrbios na casa e manifesta uma espécie de alívio com a perspectiva de que se estabilizasse a situação de Tio Teréz, pivô das desordens domésticas no Mutum.

Quando da crise provocada pelo retorno clandestino de Tio Teréz, Míguilim também consulta os vaqueiros sob forma de enigma: - "Vaqueiro Jé: malfeito como é, que a gente sabe?" - "Menino não carece saber, Míguilim. Menino, todo que faz, tem de ser mesmo malfeito..." (p.75). Por uma vez, ao menos, Míguilim, porque criança é desresponsabilizado.

Em outra ocasião, quando Míguilim acompanha Saluz no campo e passa três dias em sua casa, ocorre um dos poucos episódios da novela em que "foi tudo bom". Enquanto "beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante", vaqueiro Saluz cantou e respondeu perguntas de Míguilim. Depois entraram "a pasto a fora", onde não devia haver qualquer rumor, para não espantar o gado bravo e porque não era dia de dar sal aos bois. Mas Saluz diz a Míguilim que abóie "só para você ver como é..." enquanto ele tocava o berrante. E Míguilim viu o gado chegando "de perto e de longe, vinham todos os mansos, bois, vacas, garrótes, correndo, os bezerinhos alegres espinoitando (...) Quantidade!" (p.127).

Já na casa de Saluz, em que ele ficava "outro, mais dono, nos modos, na fala", Jé vem avisar que "tinha aparecido uma onça muito grande nos matos do Mutum". Há então uma conversa entre os vaqueiros que revela camaradagem bem diversa da competição e da hierarquia étnica existente entre as mulheres da cozinha submetidas à dominação de Vovó Izidra. Ao ficar sabendo que Maria Pretinha estava grávida, o vaqueiro Saluz comenta: - "A modo e coisa que eu cá sou roxo, e a Starlinda é roxa, Bustiquinha então deu o dado. Mas você, Jé, mais a Maria Pretinha, eu acho que o bezerim é capaz de ser baetão, mouro ou chumbado..." E todos riram tudo" (p.128).

Dentre os personagens de "Campo Geral", o de seo Aristeu é o que detém maior número de conhecimentos empíricos (roceiro, rastreador de animais de caça e de criação, apiculcos, prático em remédios) e além disto, "toca uma viola...", conforme suspira

Nhanina. Mas, o que mais atrai Miguilim em seo Aristeu são as "coisas dançadas no ar" que sempre diz.

A caminho do Mutum para marcar uma caçada com Nhô Bernardo, seo Aristeu é chamado por Dito para acudir Miguilim, que chorava ao final da contagem regressiva para o dia de sua morte. Tratava-se, pelas contas de Miguilim, da data em que morreria, ou não, devido ao diagnóstico de seo Deográcias e à combinação que fizera com Deus para tirar a limpo se bem morria, ou sarava de vez (p.52).

Desde sua entrada, seo Aristeu, alegre, fala alto, ri e faz "engraçadas vênias de dançador" (p.64). Há nele alguma coisa de "doido, mesmo" ou de homem "desinventado de uma estória". Miguilim redivide graças às alegorias de seo Aristeu, que lhe affiança estar "bom de tudo". Depois de conseguir que Miguilim se levante, diz-lhe para aprumar-se "mesmo durim(...)" a dança hoje é das valsas... (p.65). E quem assistia a cena e tinha "boca que ria mais ria".

Embora seo Aristeu só tenha pequena participação ativa na novela, sua presença é grande devido a frequente rememoração por Miguilim de suas palavras. Ou ainda porque Miguilim pensa "de sair com ele passear - perto dele a gente sentia vontade de escutar as lindas estórias" (p.66).

Menos do que narrar ele próprio "lindas estórias", seo Aristeu desperta em Miguilim a "idéia de vontade de poder saber fazer uma estória..." (p.70) que evolui para ele começar a "contar estórias tiradas da cabeça dele mesmo" (p.92), e, afinal, descobrir simultaneamente o tenso prazer da fluência e da criação: "Miguilim contava, sem carcer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre, nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior. Se lembrava de seo Aristeu. Fazer estórias, tudo com um viver limpo, novo, de consolo. Mesmo ele sabia: Deus mesmo era quem estava mandando!" (p.104).

## 6. Erros sem acerto (II)

Nos episódios em que Dito aparece doente e agonizante, o papel de Vovó Izidra continua expandindo-se, em detrimento dos de Nhanina e de Nhô Bernardo. Outro personagem adulto, Luisaltino, também cresce nos mesmos episódios.

Dito corta o pé num caco de pote, um "talho enorme" e Rosa, pieta, renunciadora da tragédia, carrega-o e lavam-lhe o ferimento: "a água ficava vermelha de sangue" (p.101). Vovó Izidra pressente o perigo: - "Vamos rezar, vamos rezar!" - (...) nunca ela tinha estado tão sem sossego assim" (p.102). Passa a dormir no quarto dos meninos e "a gente ouvia o barulhinho de Vovó Izidra repassando as contas do terço" (p.102).

Naquele ano, o presépio de Vovó Izidra, a "coisa mais enriquecida", que costumava atrair até "gente estranha dos Gerais, para ver, de muitos redores" (p.103), também foi armado. A canastra com as peças do presépio, Vovó Izidra as "carregava aonde ia, desde os tempos de sua mocidade" (p.103). Era portanto número antigo e bem sucedido. A agonia de Dito acabou suplantando o presépio enquanto acontecimento social, sem contudo ofuscar o brilho de Vovó Izidra.

Luisaltino, como faria provavelmente Tio Teréz, manifesta atenção carinhosa por Dito em linguagem para menino entender: - "Você está danado, Dito, por causa?". Dito reage com a cerimônia de quem quer evitar intimidade: - "Estou não, seo Luisaltino, costumei muito com essas coisas..." - "Depressa que sare" - "Uê, p'ra se sarar basta estar doente" (p.102).

Luisaltino, no entanto, continua a se descobrir em cuidados.. Quando Dito, de tanto gemer, "enchia a casa de sofrimento", Luisaltino sai a cavalo "a mais de um dia de viagem, aonde tinha um fazendeiro que vendia, buscar remédio..." (p.102). Traz "pastilhazinhas" que amenizam a dor de cabeça de Dito (p.104). Finalmente, Dito piora muito e "foi aquela confusão de

todos, quem não rezava chorava, todo mundo queria ajudar". Luislindo "tornou a selar cavalo, ia locar de galope, para buscar seo Aristeu, seo Deográcias, trazer remédio de botica" (p.106). Só então, aparentemente, o Pai não foi trabalhar na roça: "...no meio dali resistia, com os olhos avermelhados".

Dito já desenganado, os vizinhos vem ao Mutum. Vovó Izidra reproduz o culto doméstico anterior, sempre ocupando o papel de sacerdotiza: "...o povo todo acompanhou Vovó Izidra em frente ao oratório, todos ajoelharan e rezaram chorando, pedindo a Deus a saúde que era do Dito" (p.107).

Minutos antes, em meio ao choro "aos arrancos" de seo Brizado Boi, aos resmungos pessimistas de seo Deográcias, à palavras bonitas de seo Aristeu, à reverência da mãe de Grivo e na proximidade do próprio Dito morrente, o Pai e Vovó Izidra ainda praticam um rápido ajuste: o vaqueiro Jé e Maria Pretinha não "precisavam nenhum de ir s'embora, ficavam aqui mesmo em casa os dois trabalhando; e Vovó Izidra disse que, quando viesse padre por perto, pelo direito se casavam" (p.107).

Nhanina não participa do ajuste e, desta vez, se exclui do culto oficiado por Vovó Izidra: "Só Mãe ficou ajoelhada na beira da canna, tomando conta do menino dela, dizia" (p.107). E, para o enterro, "exclama" sua vontade acerca da mortalha de Dito. Nhô Bernardo já tinha desenrolado a redezinha de buriti; a Mãe diz que quer o "filhinho dela lençol de alvura. Então embrulharan o Dito na colcha de chita..." (p.111).

Mas, durante o "tempo de doer", o luto por Dito, o personagem da Mãe refui da exclamação para o suspiro, contrariando seu derradeiro sobressalto pelo filho morto. É em torno do comportamento de Mígulim, que recomeçam as divergências entre o Pai e Nhanina. Com a morte de Dito, por vezes chegava a Mígulim "o poder de chorar (...). Mas, no mais das horas, ele estava cansado (...) e como que assustado. Sufocado. Ele não era ele mesmo(...). E Mígulim mesmo se achava diferente de todos"

(p.112). Vovó Izidra é a primeira a criticar seu comportamento: - "Isso nem é mais estima pelo irmão morto. Isso é nervosias..." (p.112). Depois, é a vez do Pai: - "Diacho de menino, carce de trabalhar(...). uma poial(...). O que ele quer é sempre ser mais do que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos" (p.115). A Mãe, "vagarosa", tanta defender Mígulim, argumentando com seu "muito sentimento". Depois suspira e cala-se.

O episódio contém tantos elementos já presentes em cenas anteriores da novela - a conhecida dinâmica das relações do triângulo Mãe-Vovó Izidra-Pai; Mígulim igual a ele mesmo e sabendo-se diferente dos outros -, que seu interesse maior é o porquê de sua ocorrência. Sob a aparência de repetição, em idêntica circunstância de "conversa" entre os adultos da família, não estaria apontando alguma novidade? Vovó Izidra e a Mãe reagiam diferentemente ao luto fechado de Mígulim, mas Nhô Bernardo iniciava um verdadeiro acerto de contas sem muita relação com a morte do filho. Tão ausente durante a doença fatal de Dito, o Pai amplia rápida e brutalmente sua participação no enredo. Irrade o pequeno território de liberdade doméstica da Mãe, o das sobremesas: "Ralhava com a Mãe, coisas de vexame: -" Nhanina quer é empobrecer ligeiro o final da gente com tanto açúcar que gasta, só fazendo porcarias de doces e comidas de luxo" (p.116). Ao resmungar que o "Bero tem osso no coração", Vovó Izidra estranha o excesso de rudeza e a amplitude da autoridade que o Pai estava querendo exercer. É que a acusação de arrogância e pretensão, dirigida explicitamente a Mígulim, embora proferida "nem olhando" para o filho, estende-se ao que também haveria de "penachos" em certas práticas da Mãe e da própria Vovó Izidra. Ao se envolver com a gestão da cozinha, o Pai destitui a Mãe do que é o papel central da dona-de-casa<sup>4</sup>. Mas, como Nhanina só detém o controle da sobremesas por concessão da tia, o Pai começa a invadir o campo de autoridade de Vovó Izidra, a colocar em jogo o acordo tácito que lhe assegura a função social usurpada a Nhanina e a tentar conquistar a

<sup>4</sup> Afrânio R. Garcia Jr. *op. cit.*, p.170.

ascendência que lhe devia caber enquanto Pai de numerosa prole, marido devotado e incansável trabalhador. Com o sotaque de roceiro dos Buritis-do-Urucuia, Nhô Bernardo estava afirmando que afinal ele é quem mandava na casa.

Em sua volta ao campo, Miguilim é submetido a novas doses da peculiar pedagogia de Nhô Bernardo. Quanto a técnicas de cultivo, o Pai nada lhe ensina e apenas ordena: "Teu eio é aqui. Capina" (p.117). Não há mais possibilidade de equívoco, nem para o atordoado Miguilim, de que o ajudar na roça era antes de tudo um ato de punição. Como a Mãe, Miguilim "abaixava a cabeça". Querendo mais "calear os dedos, endurecer casco na sola dos pés, engrossar esse corpo" de Miguilim, do que preparar o filho para qualquer futuro, Nhô Bernardo dá-lhe trabalho superior a suas forças. Luisaltino, como outrora Tio Teréz, é que se preocupa com o excessivo esforço físico de Miguilim: "...desiste um pouco da tirana. Você está vermelho, camisinha está empapada..." (p.117).

A ofensiva de Nhô Bernardo para dobrar Miguilim, mudar-lhe idéias e atitudes através do trabalho sob comando autoritário, estará fadada ao fracasso. Apesar da brutalidade e violência crescente - lamentado por Deus ter levado Dito, em lugar de Miguilim (p.119); insultos vários ("bobo", "panasco", "pitosga", "raio de menino indicado, cachorro ruim"); espancamento em que se condensam todos os castigos corporais anteriores: pancadas de mão e, depois, de cinto em Miguilim nu, em público; aspiração pela morte do filho: "...poder um dia abençoar teus calcanhares e tua nuca!..." (p.125) - Miguilim evolui de temor submisso a desafio consciente e aberto a autoridade do Pai.

O momento escolhido por Nhô Bernardo para sua ofensiva revela-se particularmente desfavorável porque coincide com a visita de pêsames de Osmundo Cessim e de Liovaldo, filho primogênito criado pelo tio rico. A difícil frente doméstica de combate - contra os "penachos" das mulheres Cessim (Vovó Izidra e Nhanina), com seus admanes injustificados, mais os que atribui a Miguilim - recebe o reforço do "penacho" legítimo e legitimador de Osmundo.

Durante a visita do cunhado, Nhô Bernardo continuará a campanha educativa de Miguilim cumlmando-o de tarefas que sempre contém algum tipo de desajuste: trabalho na roça, condizente com a condição de filho de roceiro, não fossem os excessos conhecidos; venda do leite do Mutum, prática habitual no preparo do filho para a futura gestão de sua unidade de produção<sup>5</sup>, mas tornada perversa porque Miguilim deveria realizá-la em condições inadequadas: a cavalo com cangalha e sem qualquer proteção de assento. O vaqueiro Jé e Luisaltino é que respectivamente acham solução para o grande desconforto: "botar capim em riba da cangalha" e "uma pele de ovelha para por em cima do capim" (p.121).

Não estava ao alcance do Pai retribuir os presentes trazidos por Osmundo Cessim. Nhô Bernardo manifesta então sua deferência oferecendo excepcionais condições de lazer ao filho primogênito: "O Liovaldo recebia cavalo selado e ia brincar de campear com o vaqueiro Jé ou com o vaqueiro Saliz"(p.120). Mas, aos olhos de Liovaldo, tal folguedo não devia ser percebido como privilégio. Desde o primeiro momento, Liovaldo trata com displicente superioridade os irmãos do Mutum e os próprios pertences do Pai: "...quis ver todos os brinquedos, foi especular no fundo da hora. Buliu nos anzóis, até nos de Pai (...). Depois sentou no cocho do curral e todo o tempo tocava na gatinha, queria todo o mundo em redor dele" (p.120). Papaco-o-Paco, o único bem do Mutum que atrai a cobiça de Liovaldo, não é ironicamente do Pai, mas de Luisaltino.

Oferecendo o papagaio, Nhô Bernardo repetia antigo gesto de presentear o que seu por completo, não era. No início da novela, sabe-se que o Pai magoara Miguilim muito ao dar Pingo-de-Ouro, cachorrinha de estimação, a tropeiros que passaram pelo Mutum (p.20). Mas, nem com a recada consegue retribuir as gentilezas dos parentes ricos: Liovaldo não "pode levar o Papaco-o-Paco porque tio Osmundo falou que apertreava a viagem" (p.131).

<sup>5</sup>Beatriz Heredia, *op. cit.*, p.108.

Nhó Bernardo não sai nada engrandecido da visita do poderoso cunhado. Fizera os vaqueiros brincarem de campeio, seu trabalho; dispusera inutilmente do papagaio de Luisaltino; espancara Miguilim porque batera em Liovaldo, envolvendo-se em briga de menino como mais uma prova de deferência, e sua violência foi reprovada por toda a família do Mutum. Enquanto isso, Nhamina continuava mantendo ambíguas relações que fazem Miguilim pensar que "Mãe gostava era do Luisaltino" (p.125).

Quanto a Miguilim, em mais nenhum momento adiante, se submete interiormente ao Pai: só obrigado, toma-lhe a benção, sem demonstrar respeito. Contrariamente a Nhó Bernardo, Miguilim consegue ombrear com Osmundo Cessim recusando sua "pratinha de dinheiro", o que lhe vale elogio do tio: "Este um não vai envergonhar ninguém, não..." (p.131).

Dos desmandos, o Pai evolui para total desvelo, quando Miguilim adoce e parece correr perigo de vida. À Mãe, de novamente tentar conter o excesso de Nhó Bernardo que, ao lado do leito de Miguilim, "gritava uma brabeza toda, mas por amor dele..." (p.134). Como Luisaltino fizera por Dito, também o Pai sai à procura de laranjas para Miguilim. A semelhança limita-se à partida a cavalo; Luisaltino traz "pastilhazinhas" e o Pai não acha laranja "em nenhuma parte nos Gerais" (p.135).

Por fim, Nhó Bernardo decide resolver ele mesmo - e não mais permitir que Vovó Izidra aja em seu lugar - o problema criado pelas tais relações entre Nhamina e Luisaltino. Mas, para restabelecer o respeito em sua casa, o Pai condena-se à morte. Mata Luisaltino, foge para o mato e termina por enforcar-se, no meio do cerrado, "com um cipó, ficou pendurado numa moita grande de mirotó..." (p.137).

Cumpria-se assim a profecia de Vovó Izidra, corrigida por Miguilim. Como ele especulava, o Pai é que parecia com Caim, o que mataria. Nhó Bernardo, roceiro - como Caim, lavrador - não suportaria que Tio Teréz, vaqueiro - como Abel, pastor de ovelhas -

fosse preferido não por Deus<sup>6</sup>, mas por Nhamina. E acaba por matar Luisaltino, substituído no coração da Mãe, realizando mais um, seu último ato de desajuste.

<sup>6</sup>Gênesis 4:1-10.

## 7. Riscos de real orfandade.

A morte de Nhó Bernardo cria uma situação bem diversa da falsa semi-orfandade provocada pelas complicações afetivas, e outras, entre os pais de Miguilim. Nhamina, seus filhos e agregados ficavam agora ameaçados de perder a posição que cabia a família de um tomador-de-conta e de resvalar socialmente.

Através da enumeração dos vizinhos presentes ao velório de Dito tem-se uma visão da sociedade das veredas adjacentes ao Mutum e de sua hierarquia. Há casais cujos nomes dos dois cônjuges são referidos: seo Braz do Bião e dona Eugênia; o velho Rocha Surubim e dona Lelena, da Vereda do Bugre. O primeiro casal se fez acompanhar dos filhos e dos vaqueiros do Bião; o segundo, de filhos casados e suas respectivas esposas. Pelo séquito e devido a possibilidade de guardar os filhos próximos, provavelmente em terra de sua propriedade, os casais do Bião e da vereda do Bugre parecem ocupar posição social superior nos arredores do Mutum. Seguem-se Siá Ía, a gorda, dona do Atrás-do-Alto e o vaqueiro Rídarado, "vaqueiro próprio", com seus filhos também vaqueiros. Aqui se encerra a camada de proprietários de terra e de gado. Os demais vizinhos ocupam posição claramente subordinada, como os "enxadeiros que à meia trabalhavam para Pai", segundo Miguilim, ou tem posição indefinida: habitantes avulsos do Nhangã (o Frieza; um rapazinho Lugolino) ou sem proveniência discriminada: o Tiofônio Engole, papudo; "muitas mulheres, uma meninada" (p.110).

A posição social que Nhó Bernardo ocupava não tinha assim equivalente nos arredores do Mutum.. Embora não fosse proprietário, Nhó Bernardo não integrara a camada fluida das posições indefinidas nem, muito menos, a de acentuada subordinação de seus próprios meeiros.

Para Nhamina de nada serviriam portanto os exemplos de Sá Cefisa, também viúva, e o de Siá Ía, mulheres nomeadas por si mesmas, ambas proprietárias respectivamente do Tabuleiro Branco e

do Atrás-do-Alto. Caso Nhamina decidisse abandonar o campo e buscar proteção junto a Osmundo Cessim, seu irmão, perderia a autonomia limitada resultante do ajuste com um proprietário ausenteista. Em Vila Risonha de São Romão, Nhamina dependeria de renovada, quotidiana concessão de favor.

Enquanto permaneciam no Mutum, e a falta de elementos novos, os riscos da real orfandade se configuravam nas situações vividas por Grivo e por Majêla-Patori, dois personagens meninos, de idade próxima a de Miguilim, e também semi-órfãos.

Grivo é órfão de pai e vive com sua mãe em estado de pobreza: "...a única coisa que era deles, por empréstimo, era um coqueiro buriti e um olho-d'água. Diziam que eles até pediam esmola". Enquanto no Mutum há abundância de cães, de vários tipos e raças, Grivo sequer pode ter um único "cachorrinho pequeno": "a mãe não deixava, porque não tinham de comer para dar" (p.89). E, sem cachorro, à noite, tinham de levar as galinhas para dentro de casa.

Apesar de ser só "um pouquinho maior que Miguilim", Grivo já trabalhava vendendo cascas de árvore, breu-de-borá e patos, provavelmente criados nas mesmas precárias condições que as galinhas.

Entre Miguilim, os irmãos e o Grivo se estabelece imediata simpatia: "O Grivo contava uma história comprida, diferente de todas, a gente ficava logo gostando daquele menino das palavras sozinhas" (p.89). Por causa do Grivo, para defendê-lo de Liovaldo, que debocha, bate nele e dá pontapé nos patos a serem vendidos, é que Miguilim derruba Liovaldo no chão.

A penúltima notícia que se tem de Grivo é de que foi ajustado por Nhó Bernardo "p'ra trabalhar com a gente, ele quer aprender ofício de vaqueiro...", conforme já anuncia a Miguilim. A infância encurtada pelo precoce acesso à condição de aprendiz de vaqueiro e a provável conversão de Grivo e da mãe em novos

agregados do Mutum, é destino em nada comparável ao trágico fim do menino Majéla-Patori.

O filho de seo Deográcias, viúvo, o "Majéla(...)" mas que todos chamam de o Patori" (p.39), é um estranho personagem. Em vida, este menino "dentuço", "maldoso", e "malino" só atrai rancor de crianças e adultos. Rosa acha que Patori tem "olho ruim" (p.40) e vaqueiro Saluz chega a ter repertório de "patifarras" cometidas por Patori "desde menino pequeno": "guardava bosta de galinha nas algebeiras dos outros, inventava léis, lelé de candonga, semeava pó-de-jão-mole(...) para fazer coçar" (p.40).

Porque, em lugar de diabruras, tudo em Patori era tratado como maldade e patifaria? Há um momento em que Miguilim diz que Patori é "tão arlequim" (p.46), mas a expressão fica injustificada frente a acontecimento pouco depois sucedido: Patori mata "assassinado um rapaz dez léguas de lá do Cocho.." e depois "esquipou no mundo" (p.87).

Sobre o crime, só se conhece a versão de seo Deográcias: o filho não tinha querido assassinar, "só que estavam experimentando arma-de-fogo, a garrucha disparou, o rapazinho morreu depressa demais" (p.87). Seo Deográcias, de luto preventivo, encanecido subitamente, sai em campo pedindo que Majéla-Patori seja cercado "sem brutalidade" e perguntando se o filho "sendo sem idade e sem culpa governada, não devia escapar da cadeia, se não chegava ser mandado para a Marinha, em Piraporá, onde davam escola de dureza para meninos apouquentados" (p.87). Seo Deográcias tentava obter que tratassem o filho como menino, homicida involuntário, quando ninguém via Patori como criança inocente, mesmo antes do crime. Finalmente, acham "Patori morto, parece que morreu mesmo de fome, tornadoço vagando por aquelas chapadas" (p.93).

Só depois de Patori ter desaparecido é que Miguilim vai lembrar-se do que nele era "tão arlequim: Patori tocava "um berimbau de fibra de buriti(...) era bonito, trstinho. Ou então, outras ocasiões, o Patori fazia de conta que era toda qualidade de bicho. (...) "Cavalo, cavalo, cavalo?" (...) E batia com o pé no chão,

for fazer isso com a Chica ou a Drelinha, eu conto mãe!" (p.132) e quebra espatifada a cabacinha.

Com Liovaldo, os riscos corridos por Patorí diminuem. Entendo do tio rico, Liovaldo comporta-se como adolescente que, ocupando uma certa posição social, sabe licita a iniciação sexual com mulheres subordinadas. "Não era pra Drelinha e Chica, não, era para Maria Pretinha, burro!" (p.133).

Entre tornar-se um muito jovem agregado, como Grivo, ou um jovem assassinado, como Patorí, as perspectivas abertas pela semi-orfandade eram ambas pouco promissoras, embora a do lado da ordem preservasse a vida e o da transgressão, fosse letal.

#### 8. Happy End.

Nas páginas finais da novela, a ação se acelera com chegadas e partidas do Mutum:

Tio Teréz reaparece "com um fumo de luto no paletó". Voltava para "morar com eles, trabalhando, sempre".

Vovó Izidra despede-se de Miguilim: "ia embora por nunca mais, ali não ficava" (p.136).

A família se reestrutura através de uma rápida adequação de personagens e funções sociais. Cessam as sobreposições, redundâncias, usurpações, esvaziamentos e difusão de funções sociais com o desaparecimento de certas particularidades da família. Dá-se o concerto de vãos erros.

A mãe, para anunciar a morte de Nhó Bernardo a Miguilim, profere a sua primeira tímida invocação religiosa: "...meu Deus, tem pena de nós!" (p.135). É o prenúncio da introdução no Mutum de nova teologia: as divindades punidoras de Vovó Izidra irão suceder as caridosas de Nhanina. Ao castigo prometido, a (auto-)absolvição: "Miguilim, não foi culpa de ninguém, não foi culpa..." - todas as vezes ela repeta"(p.137). Miguilim pela primeira vez reconhece a mãe como legítima mediadora e pede-lhe que reze também para o Dito.

Tio Teréz assume a função de principal tomador-de-conta do Mutum: "... agora estava trabalhando por demais, fez ajuste com mais um enxadeiro, e ia se agenciar de garroteiro, também" (p.138). Com Tio Teréz, desaparece a anomalia de o topo da hierarquia social do Mutum ser ocupado por um roceiro. A superioridade de Tio Teréz transparece até mesmo em suas vestimentas: "Ele tinha uma roupa inteira de couro, mais bonita do que a do vaqueiro Salúz..." (p.138). Pouco tempo antes, vaqueiro Salúz "tinha mandado comprar um chapéu-de-couro novo, e vendera o velho para o vaqueiro Jé" (p.119).

Quanto a Nhanina, ela realiza a antiga aspiração de escolher ela própria seu noivo: - "Se daqui a uns meses sua mãe se casar com Tio Teréz, Miguilim, isso é de seu gosto?" (p.138).

Há também indícios de que saia-se da situação tão lamentada por Nhô Bernardo, a de que se "acabava não podendo tirar para sustento de comida da família" (p.55). Rosa, e não mais a mãe - sinal de que também se aprumava a hierarquia na esfera doméstica do Mutum - faz sobrementes e a mãos-cheias: "todos os doces, de mamão, laranja-da-terra em calda de rapadura, geléia de mocotó" (p.138).

Por fim, há uma última partida do Mutum, a de Miguilim. Um "senhor de fora", de "óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo" (p.139) passa pelos arredores do Mutum, a caminho de local onde encontraria com outros caçadores. Tratava-se do doutor José Lourenço que revela que Miguilim tinha "vista curta" e propõe levá-lo para Curvelo: "lá ele comprava uns óculos pequenos, entrava para a escola, depois aprendia ofício" (p.140).

Embora tão menino que a mãe ainda lhe lava o corpo e ensboa as orelhas, tão pequeno que nele cabiam as "alpercatinhas do Dito", irmão menor, Miguilim vai morar longe da família. Nem mesmo com um tio, com o primogênito Livoraldo.

Mas Miguilim leva o cavalo Diamante, para ser vendido na cidade e com ele ficar o dinheiro. Para a partida, Diamante foi "arreado com os estrivos em curto, o pelego melhor acorreado por cima da sela". E Tio Teréz dá a Miguilim "a cabacinha formosa, entrelaçada com cipós". O pecúlio, os arreios adequados ao tamanho e à comodidade de uma criança, o dom simbolicamente precioso, do tio, sugerem que não se entregava Miguilim para que fosse convertido em agregado, embora Miguilim, é claro, fosse depender do favor de José Lourenço, o doutor de Curvelo.

Para Miguilim, abria-se a perspectiva de recuperar a "luz" de seus olhos, como diz a mãe. E, aprendendo ofício urbano,

aumentar sua margem de autonomia ou, pelo menos, ficar menos exposto aos altos riscos de dependência de um filho e, agora, entendo de um tomador-de-conta.

Quanto ao Mutum, sob a gestão de Tio Teréz, talvez pudesse deixar de ser apenas um "lugar" para tornar-se enfim uma "fazenda", como sonhava Dito e como ocorre com a Samarra, confiada ao tomador-de-conta Manuelzão em "Uma História de Amor", outra novela de Guimarães Rosa<sup>7</sup>.

<sup>7</sup>Cf. "Uma História de Amor", in *Guimarães Rosa: O Mundo da Escrita*, ed. por Paulo Mendes Campos, Rio de Janeiro, 1978, p. 158. A obra em questão é a novela "Uma História de Amor", in *Uma História de Amor*, ed. por Paulo Mendes Campos, Rio de Janeiro, 1978, p. 158.

<sup>7</sup>Cf. "Naquele lugar - nem fazenda, só repostio, um currais-de-gado..." (p.145) e "A Samarra ia virando uma fazenda..." (p.158).

Particularidades de "Campo Geral".  
Estudo sobre relações de parentesco e reprodução  
social numa novela de Guimarães Rosa.

#### Bibliografia:

- ANDRADE ALVIM, Clara de.  
Representações da pobreza e da riqueza em Guimarães Rosa.  
In: Roberto Schwartz (org.) *Os pobres na Literatura Brasileira*, Ed. Brasiliense, S. Paulo: 1983.
- CÂNDIDO, Antonio.  
O homem dos avessos. In: *Tese e antítese*, Cia. Editora Nacional, S. Paulo: 1964.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Paul.  
*Terra de trabalho*, Paz e Terra, Rio de Janeiro: 1983.
- GUIMARÃES ROSA, João.  
"Campo geral" e "Uma estória de amor". In: *Manuelzão e Miguelim*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1990, 14ª. edição.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de.  
*A morada da vida*, Paz e Terra, Rio de Janeiro: 1979.
- LEITE LOPES, José Sérgio.  
Relações de parentesco e de propriedade nos romances do "ciclo da cana" de José Lins do Rêgo. In: *Arte e sociedade*, Zahar Editores, Rio de Janeiro: 1977.
- PIERSON, Donald.  
*O homem no Vale do São Francisco*, Ministério do Interior, SUVALE, Rio de Janeiro: 1972.
- SCHWARZ, Roberto.  
Grande sertão: a fala. In: *A sereia e o desconfiado*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1965.

- SUÁREZ, Mireya.  
Agregados, parceiros e posseiros: a transformação do campesinato no Centro-Oeste". In: Roberto Cardoso de Oliveira (org.) *Anuário Antropológico 80*, Edições UFC/Tempo Brasileiro, Fortaleza, Rio de Janeiro: 1982.